

DE ROMA À GÁLIA: O VALOR DO *DE REDITV SVO* DE RUTÍLIO NAMACIANO ENQUANTO TESTEMUNHA DAS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM FÍSICA E SOCIAL NA ANTIGUIDADE TARDIA

Paula Barata Dias¹

Resumo

A viagem de regresso à Gália natal documentada no poema *De Reditu Svo* de Rutílio Namaciano permitiu-lhe ser testemunha das transformações da paisagem física, humana e social dos inícios do séc. V. O tom digressivo do discurso acompanha a viagem marítima, pontuando a observação visual com comentários reflexivos. Neste artigo, pretendemos seguir o olhar objetivo do discurso rutiliano e analisar as reflexões que o poeta opera acerca do que vê. Pretendemos também fazer um juízo sobre o que parece ser um enigma rutiliano: sendo claramente bom observador, contemporâneo e testemunha privilegiada de eventos marcantes da crise dos inícios do séc. IV, como consegue manter a crença na conservação do *status quo* que possibilitou a grandeza de Roma? Nos limites do género literário hodoiporético, a obra de Rutílio é um caso de observação comprometida e condicionada pelos factos que se impõem ao seu participante envolvido: o seu discurso balança entre a descrição dos espaços e paisagens e sua apreciação crítica, a partir do horizonte cultural, mas também das expectativas do aristocrata romano, a caminho de uma transformação definitiva de vida.

Palavras-Chave

Rutílio Namaciano; *De Reditu Svo*; Antiguidade Tardia; paisagem; viagem; *hodoiporia*.

¹ Professora Doutora - Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. E-mail: pabadias@fl.uc.pt. Esta publicação integra-se no desenvolvimento do projeto Estudos Clássicos e Humanísticos - Cultura e Património da Humanidade, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (UIDB/00196/2020 e UIDP/00196/2020).

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 155-172.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13924

Abstract

The return trip to native Gaul documented in the poem *De Reditu Svo* by Rutilio Namaciano allowed him to witness the transformations of the physical, human and social landscape of the early 20th century. V. The speech's digressive tone accompanies the sea voyage, punctuating the visual observation with reflective commentary. In this article, we intend to follow the objective view of the rutilian discourse and analyze the reflections that the poet operates on what he sees. We also intend to make a judgment about what seems to be a rutilian enigma: being clearly a good observer, contemporary and privileged witness of remarkable events of the crisis of the beginning of the 4th century,, how do you manage to maintain the belief in the conservation of the status quo that made Rome possible? Within the limits of the hodoiporetic literary genre, Rutilio's work is a case of compromised observation, conditioned by the facts that are imposed on the participant involved: his speech balances between the description of spaces and landscapes and his critical appreciation, from the cultural horizon , but also of the expectations of the Roman aristocrat, on the way to a definitive transformation of life.

Key words

Rutilius Namatianus; *De Reditu Svo*; Late Antiquity, landscape; travel; *Hodoiporia*

Rútilio Namaciano é um autor raramente representado no cânone da grande literatura latina, integrado no grupo da “poesia menor” (Vallina, 1997: 493-499)² sendo o mais jovem dos poetas do revivalismo lírico da última fase da literatura pagã, desde a Tetrarquia de Dicleciano (284 d.C.) até à morte de Santo Agostinho.

Foi autor de uma pequena obra que nos chegou incompleta, o *De Reditu Suo* ou *Iter Gallicum* (416-417 d.C.), difícil de enquadrar exactamente no género literário que desenvolve os *Hodoiporia* - Relatos de Viagem, como um dos seus editores reconheceu³. Escreveu nos princípios do séc. V, altura em que se atribui à literatura latina cores crepusculares, num cosmos literário dominado, em quantidade e em qualidade, pela prosa literária de autores cristãos. Estes mesmos anos de consolidação de uma Idade do Ouro para as letras e a comunicação literária cristãs

² CODOÑER, C. *Historia de la Literatura Latina*, Cátedra, Madrid, 1997, pp. 493-494. São traços desta literatura a provincialização da sociedade romana; predomínio da escola na formação técnica de uma classe erudita tanto pagã como cristã; imitação de modelos normativos clássicos formais; diletantismo temático e “carência de espontaneidade e de contacto primordial com a realidade mais profunda”. A edição da Loeb, de 1934, com várias reedições de Arnold DUFF, considera Rútilio Namaciano o último dos “Poetas Menores”, autores breves, fragmentários ou de temas especializados (DUFF, A., *Minor Latin Poets*, Volume II: *Florus. Hadrian. Nemesianus. Reposianus. Tiberianus. Dicta Catonis. Phoenix. Avianus. Rutilius Namatianus. Others*, Loeb Classical Library 434, 1934, pp. 752 ss. *Rutilius, De Reditu*, ed. CASTRINA E. (trad. italiano e comentário, Florença, 1967. *Rutilius, De Reditu*, ed. DOBLHOFER, E., Heidelberg: 2 vols I (introdução, texto, trad. alemão, index verborum) 1972; II (comentário 1977). Referimo-nos ao poema, a partir de agora, pela abreviatura DRS.

³ Seguimos, por razões de conforto pessoal, a edição de VESSEREAU J., PRÉCHAC F. *Rutilius Namatianus Sur Son Retour*, Les Belles Lettres, Paris, 1933, inc. I “*Velocem potius reditum...exp. II v. 68 prouocat intactas luxuriosa niues*. A nova ed. por WOLFF, E., Les Belles Lettres, 2007, já inclui a descoberta de FERRARI M., 1973, pp. 13. Esta investigadora deu a conhecer dois fragmentos localizados no riquíssimo espólio da abadia de S. Columbano de Bobbio, que acrescentam 40 versos ao livro II, de valor significativo. A análise de Ferrari ao códice confirma que estes fragmentos reportam uma versão anterior à perda accidental da parte final do poema presente nos mss que suportam as edições críticas existentes (op. cit. pp. 20-21. Ver também nota 3). DUFF, op. cit. p. 754 acerca da complexidade do DRS, que ultrapassa os modelos literários anteriores que lhe são imputados como fonte de inspiração: “esta obra foi algo mais elaborado como Poema de Viagem do que a Jornada a Bríndisi de Horácio ou o Excerto que Ovídio dedica à sua viagem nos *Tristia* ou a a Viagem de Estácio ao Egipto enviado pelo seu patrono” / “this was something more elaborate as a travel-poem than Horace’s Journey to Brundisium or Ovid’s sketch of is voyage in the *Tristia* or Statius’ send-off to his patron bound in Egypt”. FO, 1989: 49-74 enquadra o DRS na tradição literária hodoiporética anterior.

corresponderam também a um inusitado renascimento da literatura provinda de autores não cristãos, o chamado “círculo do senador Quinto Aurélio Símaco” por Cameron⁴, que animou as letras em Roma, cada vez mais periférica face às capitais que vinham se afirmando desde Diocleciano.

Os comentários à obra de Rutilio Namaciano vincaram a sua perfeição formal em dísticos elegíacos, indiciadora da obediência a um código retórico dominado pelo intertexto dos seus modelos formais, particularmente Ovídio. Foi elogiado (Vallina, op. cit. p. 499) pela descrição expressiva das paisagens numa “poética das ruínas e da desolação”, em contradição com o otimismo diante do futuro de Roma, a quem dedicou um encómio sentido e elevado. A composição da obra, apenas seis ou sete anos após o saque de Roma pelos Godos de 410 d.C., fá-la soar a “um canto de cisne” (Duff, 1934, p. 758); “impressões de um mundo pós-410” (Clarke, 2014: 89).

Do mesmo modo, os comentadores literários assinalaram em Rutilio uma “vazia erudição”, pelo retorno à alegoria mitológica especiosa, pelo uso da técnica ekfrástica, acusada de ser forçada e sustentadora de uma artificialidade literária vazia de destinatários, no seu detalhe e contexto. Alguns comentadores, como Anker Laugesen, (1961: 54-68) comparam mesmo dois relatos de viagem praticamente contemporâneos: a *Peregrinatio* de Egéria, composto nos finais do séc. IV, uma descrição de uma viagem de visita aos lugares santos, por uma nobre cristã e seu séquito de aristocratas piedosas, pleno de curiosidade e de ingénua frescura; e o DRS, o retorno deste nobre gaulês à sua terra natal, uma vez pago o seu serviço a Roma, movido pela urgente realidade dos novos tempos, com cores bem mais crepusculares. Na verdade, duas viagens, uma, de uma mulher, cheia de esperança a caminho de um mundo que começa; a outra, de um aristocrata pagão de regresso às origens, numa

⁴ CAMERON, A., “The Roman Friends of Ammianus”, *JRS*, 54, 1977, pp. 15-28. Id., *The Last Pagans of Rome*, 2011, cap. 11. FERRARI, M., op. cit., p. 26 “a nota dominante e característica do conjunto, Rutilio e os restantes, é o paganismo: intransigente e heróico, estetizante ou céptico, mas sempre exclusivo. Quem arquitetou a estrutura do arquétipo deste códice não devia ser cristão [...] estamos num entorno pagão do séc. V, de qualquer forma conectado com o Círculo de Símaco” / “la nota dominante e característica dell’insieme, Rutilio e il resto, è il paganesimo: intransigente ed eroico o estetizzante e scettico, ma sempre esclusivo. Chi architetto la struttura dell’archetipo di questo codice non doveva essere cristiano: [...] siamo in un milieu pagano del seclo V, in qualche modo collegato com el circolo dei Simmachi”.

espécie de aposentação, exilando-se de um mundo que decai. Neste domínio, faz sentido perguntar acerca do grau de consciência de Rutilio Namaciano quanto aos tempos que atravessa.

Cláudio Rutilio Namaciano pertencia à nobreza de origem Galo-Romana, membro da aristocracia tardo-antiga. A sua notoriedade e poder decorriam dos largos domínios de que eram proprietários nas províncias imperiais e do serviço à administração imperial enquanto altos funcionários. Ele mesmo nos dá informação auto-biográfica na sua obra. A propósito da evocação de amigues e da memória do pai, conta-nos que exerceu na capital o cargo de *Magister Oficiorum* “mestre dos ofícios”, cargo criado por Diocleciano, e de *Praefectus Vrbi* “Prefeito da cidade”, de suma importância no séc. V. Depois que Roma deixou de ser capital permanente e exclusiva (desde Diocleciano, há um século, portanto), era do *Praefectus Vrbi* a maior autoridade na capital.

Os excursos prosopográficos e encomiásticos, recorrentes no DRS, fazem parte da tipologia laudatória característica da época. Observe-se que Rutilio procura sempre situar-se na linha da excelência que ele próprio constrói: elogiando os seus sucessores ou predecessores nos cargos, eleva também os seus méritos e a sua inclusão numa esfera de conexões políticas e familiares prestigiantes, ligadas ao serviço do império⁵. Esta

⁵ As passagens autobiográficas da obra são significativas (DRS I 156-157; 415-428; 467-468;). Pede à Deusa Roma e a Citereia que lhe dê o benefício dos mares, “se não desagradou quando aplicou a justiça aos filhos de Quirino e se honrou os veneráveis senadores”. 415-428 – Num excurso iniciado *laetior hic* “esta boa nova, que serviu de conselho para desistir do retorno a Roma (*Consilium Romam paene redire fuit*). Rufo havia sido elevado à prefeitura da cidade. Exalta-o por “partilhar as honras como metade de si mesmo; “alguém a quem estima porque nele se renova o poder que teve “*Exornent uirides communia gaudia rami:/prouecta est animae portio anima meae/sic mihi, sic potius placeat geminata potestas*. 467-468: o chegar à vila do seu amigo Albino “*Albini patuit proxima uilla mei*” que, explica, foi também quem o substituiu nos compromissos dependentes da toga”. Ou seja, alguém ainda jovem, mas com prudência de um ancião, que foi um alto funcionário “*Roma meo subiunxit honori/per quem iura meae continuata togae*. Atrasa a partida porque pretende visitar Protásio (v. 542 “*sed mihi Protadium uisere cura fuit*”, oportunidade para o elogiar: antigo Prefeito da cidade de Roma, goza uma modesta morada na Umbria, e adquire a aura de um Cincinato, um “líder de reis” agora devolvido ao mundo rústico. 561-564 Na visita a Pisa, reconhece como Prefeito da Cidade um tribuno, querido companheiro de armas “*commilitio carus*” que lhe fora útil quando, como Mestre dos Ofícios, governara a casa imperial e a guarda do piedoso soberano, “*ex commilitio carus et ipse Mihi officiis regerem cum regia magister/armigerasque pii principis excubias*”. Aí, na visita ao Forum, contempla a estátua do pai, que exercera importantes cargos políticos e administrativos na cidade. A evocação da memória do pai junto dos Pisanos presta-se a uma atitude recorrente nestes excursos **Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 155-172.**

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13924

seria uma informação contextual, se o poema não fosse preciso na circunstância que o rodeia: a retirada de cena, a reforma de um dos servidores de Roma, para o seu espaço natal⁶.

Não se sabendo exatamente qual o destino exato na Gália, a motivação para encetar a viagem concreta é clara. Já a razão para documentar a sua viagem, bem justificada por motivos de força maior, por meio de um poema, permanece em aberto. Devemos pesar, no entanto, os temas dispersos, as observações e os motivos laudatórios: Roma mãe do mundo, logo no início; os seus filhos e ministros, de que ele fez parte.

Da vocação poética de Rutilio Namaciano, nada mais nos chegou para além deste poema, o que nos faz pensar ser ele, sobretudo um homem de acção, leal servidor da causa pública, que escolhe este momento, significativo da sua vida para deixar à posteridade a sua mensagem: declaração da lealdade à causa do império e da crença na sua robustez. Ao mesmo tempo, contudo, vai revelando inquietude face aos sinais da sua fragilidade. Assim, a motivação para assumir uma voz poética, neste dramático momento de mudança de vida, pode bem traduzir um sentimento de culpa, auto-justificação e justificação para os outros, seus pares, para um abandono.

Da sua Gália, só se sabe o que ele mesmo diz. Assim, o poema abre com uma apóstrofe retórica ao leitor em tom de apologia. É preciso explicar ao leitor o veloz regresso (v. 1 *uelocem reditum*), longo demais (talvez para sempre) para quem dedicou a vida inteira a Roma. Como pode alguém tão subitamente (*tam cito*) renunciar às belezas de Roma? É que esta terra bendita, semente de todas as virtudes e enviada do céu para bem dos homens, não cansa quem nela habitou ou quem a serve.

Obriga-o a contingência da necessidade (v. 19-22). Os campos gálicos chamam o indígena, a paisagem degradada pela guerra, (*Gallica rura deformia bellis*) e se lhes falta a beleza, mais dignos são de pena.

autobiográficos, que passam por colocar-se na continuidade dos evocados. Os locais recordam com saudade Lacânio, a sua firmeza e doçura, e alegram-se por Rutilio não ser indigno das virtudes paternas vv. 591 “*Ipsium me gradibus non degenerasse parentis gaudent et duplici sedulitate fouent*”. A formulação vai ao encontro deste desejo de Rutilio de pertencer a um legado digno de servidores de Roma, mensagem confortante no momento de retirada de Rutilio.

⁶ RUGGINI, 2003: 366-382. A importância das relações e do reconhecimento mútuo entre a aristocracia urbana. NORWOD, 1947: 37: a rara voz de um não cristão, membro da nobreza romana, aos acontecimentos seus contemporâneos.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 155-172.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13924

É também a consciência do dever: em tempos de fortuna, é falta leve negligenciar os concidadãos. Mas as calamidades públicas *publica damna* (v.24) convocam a dedicação privada (*fidem priuatam*), e as lágrimas devem ser choradas no lugar da perda. O cenário descrito é bem realista, o de uma paisagem alterada pelo desgaste da guerras de saque que conduzem a uma *longam ruinam* (v. 27). Conforto aos sobreviventes e reparação do possível são obrigações. Depois do incêndio, pelo menos devem reconstruir-se as cabanas dos pastores “*uel pastorales aedificare casas*” (v. 30). Não é possível ignorar a ruína interminável, agravada pela demora no socorro. É tempo de restaurar os campos e reconstruir. Em apenas 16 versos de um total de 712, fica, portanto, estabelecido o motivo bem pragmático da viagem⁷.

A força interior de Rútílio para retornar à Gália converge, também, com a janela oportuna de um tempo histórico, que é o da pacificação da Gália: entre 408 e 417, a Gália enfrentou o saque e a ruína, até que Constâncio, general do imperador Honório, recebeu o título de patrício e a mão de Gala Placídia, irmã do imperador e viúva do rei visigodo Ataúlfo, pelos seus bons serviços na derrota do usurpador Átalo, dos Vândalos e na celebração do armistício com os Godos, em 418. Este general, mais tarde Constâncio III, é justamente alvo dos excertos descobertos por FERRARI, p. 28 (*Latii nominis una salus* (B, v. 10)⁸. A longa ruína da Gália de que Rútílio fala não é, pois, um desastre pontual, mas uma lenta destruição em que a Província viu cortados os seus laços com a urbe.

A obra alterna sequências narrativas, alusivas a uma viagem real que contorna a costa itálica em direção à Gália. Outras viagens interiores se mesclam: umas, resultado da observação da paisagem natural, edificada e humana, de pendor descritivo. Outras, excursos de pendor panegírico e laudatório, dirigidas a Roma e aos seus fiéis servidores em que Rútílio se inclui. Todas estas estão embutidas de reflexões mitológicas e históricas eruditas, pertencentes à biblioteca escolar e cultural do Autor. A diversidade discursiva e a descontinuidade sequencial do conteúdo (Parroni, 2009: 584), a juntar ao seu caráter incompleto, não ajudam à coesão da obra, que avança, segundo as palavras do próprio no início do livro II, em ritmo entrecortado (*trepidus*). Os versos introdutórios dos dois

⁷ VV. 35-36 no momento de abandonar os contrafortes da cidade, *uincimur* “somos vencidos” e “a custo e tarde cedemos ao caminho” *serum uix toleramus iter*.

⁸ CARCOPINO, J. 2012 “La date et le sens du voyage de Rutilius Namatianus”, *Anabases* 16, pp. 241-263, (p. 248).

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 155-172.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13924

livros, contudo, manifestam o propósito único de um diálogo próximo com o leitor, a par da informação quanto ao método compositivo⁹:

A consciência do caráter fragmentado e confuso do discurso, o “*trepidum ruborem*” que ele prefere diluir em dois pequenos livros, é portanto assumido. Apontamentos avulsos, interrompidos e pontilhados por uma variedade de momentos discursivos que acompanham o curso da narração, sejam elogios aos pares, de condição senatorial¹⁰; sejam excursos mitológicos ou pitorescos, radicam no estímulo da observação do espaço e da paisagem em que ocorre a viagem¹¹. Rútílio é consistente na sua captação das evidências de um mundo em mudança e dos seus traços de corrosão, que interferem e chocam com a imutabilidade e beleza de uma Roma preservada numa grandeza sem mácula.

Ao ressaltá-la num dos mais belos *Laus Romae* compostos, na tradição literária do Elogios a Roma (Cirino, 1934: 40; Roberts, 2001: 534), esta grandeza é mais desejada do que real. Dirigido o olhar para o país amado, ao contrário de Homero, não é o fumo a elevar-se no ar, mas sim a claridade e um horizonte brilhante que se eleva das sete colinas, num lugar em que o sol não se põe¹².

⁹ I, vv.1-2: o propósito de estimular a curiosidade ao leitor com a pergunta retórica “Acaso te admirarás deste tão súbito regresso, leitor, como se pode tão prestes renunciar aos bens de Rómulo?” II, vv. 1-4. Com a subtileza da presopopeia, o próprio alude ao método da composição “o livro não estava assim tão longo, nem o rolo tinha tantas voltas que não pudesse, em boa justiça, alongar-se um pouco mais. A obra teme o cansaço que chega com a continuidade do labor, não fosse o leitor assustar-se com uma obra que parece não ter fim”. Adopta por isso a divisão em dois livros numa sucessão breve de pequenas etapas variadas que, tal como numa refeição, ou numa viagem, são preferíveis a um esforço de uma só vez vv. 10-11 “Dividimos a hesitante confusão (*trepidum ruborem*) em dois livros breves, mais fáceis de suportar do que de uma vez só...”. A composição em descontínuo combina com o caráter iterativo da viagem externa e concreta e da viagem interna e reflexiva, do poeta com as suas reflexões.

¹⁰ Exuperantius I, 213-216; Palladius, I, 209; dois gauleses, Protádio (I, 550) e Victorinus (I, 510), integrantes da galeria prosopográfica do reinado de Teodósio e de Honório.

¹¹ Vv. 180-182 O confronto entre um passado glorioso e um presente difícil: o barco segue o braço direito do Tibre, porque o esquerdo está assoreado. Resta-lhe a glória de ter sido ele a acolher Eneias “*Laeuus inaccessis fluuius uitatur arenis: Hospitis Aeneae gloria sola manet*” (cf. Virg. 7,31 a embocadora assoreada do Tibre “*flauus arena*”).

¹² I, 195-205 *Quanquam signa leuis fumi commendat Homerus...sed caeli plaga candidior tractusque serenus... Illic perpetui soles...saepius attonitae resonant Circensibus aures: Nuntiat accensus plena theatra fauor*. PASCHOUD, 1978: 322, acerca da predominância dos estímulos visuais sobre os auditivos no DRS, nesta passagem.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 155-172.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13924

A memória desejada sobrepõe-se, pois, à visão real, quando seria normal observar, de um núcleo urbano fervilhante de vida, o fumo das casas habitadas¹³. O que lhe chega é o som dos jogos circenses e dos teatros cheios. Os sinais são contraditórios e não condizem com a história recente da cidade: sujeita a dolorosos cercos a partir de 405, saqueada em 410, despovoada, vítima de pestes e de fomes, no silêncio dos templos e dos altares calados pela legislação teodosiana, não é plausível que o poeta escute, a cerca de trinta quilômetros, o fragor dos recintos de vibrantes espetáculos públicos¹⁴. Portanto, não visualiza, ao contrário de Homero, o fumo a elevar-se das cidades, mas escuta os ruídos dos espetáculos públicos. Tal soa-nos mais a um desejo do que a uma experiência auditiva real.

A distância entre a realidade e a memória literária evocada, de Virgílio e Homero, são desconcertantes, embora se ajustem, à celebração da eternidade de Roma. Com 127 vv, o *Louvor de Roma* celebra a glória da cidade que domina o mundo e que é eterna: Inc. *Exaudi, regina tui pulcherrima mundi* “escuta, Ó mais bela das rainhas do mundo”, um panegírico da cidade que constitui também uma exortação ao seu renascimento.

Mas a viagem segue o caminho marítimo, porque as planuras estão inundadas, e as montanhas são escarpadas. A constatação desta constrição geográfica não é inocente, pois fala-nos de uma Roma asfixiada nas suas ligações terrestres com o Império. O autor dá testemunho do estrangulamento na comunicação entre o sul e o norte de Itália, já que os caminhos civilizados, humanamente percorríveis, foram destruídos. Aos homens restariam pois as agruras dos pântanos, ou as escarpas. A Via

¹³ Vv. 191-195 “ainda que conduzas os olhos para onde se deliciam com a terra afortunada, porque julgam que podem captar o que desejam (quod cupiunt)”.

¹⁴ As leis de Teodósio repressivas da religião tradicional (389-391) limitaram a visibilidade das manifestações pagãs. (CTh. 16.10). Os jogos circenses e teatrais são suspeitos para um estado cristianizado. Não proibidos, acontecem segundo constrições legais estabelecidas entre 325 e 425 (Teodósio II). A forma de estes não abandonarem o lugar no espaço cívico está em controlar o seu patrocínio, o calendário e tornar a sua manifestação absolutamente profana, isto é, sem qualquer associação celebrativa a um culto pagão. BOWERSOCK, G., GREEN, P., Grabar, O., *Late Antiquity: A Guide to the Postclassical World*, Harvard University Press, 1999, p. 674. O último espetáculo, Procopius, *The Gothic Wars*, 3. 37. 4., uma *uenatio* com Tótila, em 549. DEVOE, R. (2002) *Christianity and the Roman Games*, pp. 130-136 aponta, no entanto, para um aumento dos espetáculos em Roma após 410, promovido por Honório, como modo de celebrar a restauração da confiança.

Aurélia e os campos da Toscana experimentaram o ferro e o fogo das incursões godas, pelo que não há albergues nas florestas, nem pontes para atravessar os rios. Assim, há que seguir pelo mar incerto. Note-se que as observações da contingência são reais: a necessidade e o dever forçam-no a partir para a Gália, o estado das vias terrestres forçam-no ao caminho marítimo. Apesar disso, o tom que sobressai, formalmente, é o da glorificação da cidade, do império e dos seus agentes, cristalizados num tempo óptimo (Roberts 2001: 534, fala de um optimismo em contraponto).

Estava, portanto, rompido o paradigma do transporte terrestre seguro, e afinal, apesar do encómio, Roma passa para o leitor como uma rainha que já não garantia a segurança das suas próprias imediações. Quando o elogio se torna exortação à coragem, percebe-se a vontade de confortar uma cidade vítima de provações¹⁵ “tal como a tocha que tomba recupera novo vigor, depois da queda tu mais luminosa aspiras ao céu”.

Ao longo da viagem, destaca-se a descrição de lugares em acelerada transformação. Estes, avistados na costa e visitados, evidenciam a passagem do tempo e os danos provocados pelos homens. Espaços desertos, fortalezas que se esboroam ocupam a visão digressiva do A., que confronta o presente visto com a memória grandiosa de um passado conhecido: No início da viagem, *Pyrgos* “hoje grandes casas de campo, primeiro pequenos povoados” I v. 224 *Nunc uillae grandes, oppida parua prius...*. Identificamos, neste breve apontamento que confronta presente e passado, a transformação da ocupação do mundo rural tardo-antigo, com as cidades provinciais ocupadas por comerciantes, artífices e agricultores a avançar para o modelo das grandes vilas autárquicas, beneficiando da concentração da propriedade fundiária. Mais à frente, Cere, a quem os anos apagaram o primeiro nome de “Agila” (vv. 225). A navegação aproxima-se de *Castro*, cidade semi-destruída, com um pórtico antiquíssimo (*semi ruti loci; vetusta porta* vv. 227-228). O autor prende-se, numa ekfrasis contemplativa, a uma solitária estátua de Pã, de porte modesto (*exiguus formatus*), mas “pronto para os prazeres de Vénus”¹⁶. Em *Gravisciae*, contemplam a infeliz cidade de Cosa, outrora associada ao odor dos pântanos¹⁷. Agora, rodeiam-na florestas espessas, com o espaço

¹⁵ DRS vv. 119-140 vv. 131-2 *Vtque nouas uires fax inclinata resumit,/Clarior ex humili sorte superna petis*. VV 120 “que o total esquecimento dos insultos sofridos lance uma sombra sobre uma sinistra aventura; que o desprezo pelos sofrimentos feche e cure as tuas feridas...”.

¹⁶ V. 336 *Fingitur in uenerem pronior esse deus*.

¹⁷ vv. 285-286 *Cernimus antiquas nullo custode ruinas et desolatae moenia foeda Cosae*.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 155-172.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13924

selvagem a recuperar o espaço dantes humanizado. O poeta exprime pudor em revelar a causa de tamanha provação, mas não quer esconder ao leitor um motivo para rir. No passado, a sua população teve de fugir diante de uma maciça infestação de ratos, o que lhe parece impossível¹⁸. Nestes dois episódios, está presente a mesma estratégia de comunicação: memória grandiosa do passado em confronto com a descrição do presente alterado. Também nos dois casos, o poeta remata o assunto com uma fuga, que incute no leitor uma impressão de risibilidade inconsciente dos sinais: uma pequena estátua de Pã com um falo erecto, a anunciar a impossível renovação de um mundo arruinado; pessoas a fugir diante de ratos. Os dois, cenários da perturbação da frágil camada humana que cobre a natureza.

A visão da ilha de Igilium (vv. 325-336) permite-lhe homenageá-la por ter sido refúgio de cidadãos romanos diante do saque de Roma (409 d.C.), com os Godos a cederem ao seu natural receio pelo mar. Populónia, presenteada por um porto natural favorável, em que o engenho dos antigos edificou um castelo (*castellum* I 401), com um farol para defesa e para orientação dos viajantes,. Mas “o tempo não permite reconhecer os monumentos das eras passadas, e o tempo, que tudo devora, só deixou vestígios grosseiros, entre escombros de tectos derrubados”¹⁹. A observação é acompanhada do julgamento: as cidades, como os corpos dos mortais, também podem morrer.

Não são só as ruínas, são também os pântanos, os portos assoreados, como o de Volaterra (I, 454) , a dificultarem a aportagem. O porto de Pisa (532) a quem a memória reportava como frequentado por comerciantes e de mercadorias, agora, a sua exposição aos ventos e à fúria das vagas outonais, provocam no autor surpresa e espanto.

Se a degradação do património romano lhe trouxe algum ensinamento quanto à inexorável lei do tempo, já a observação do outro o deixa fixado numa soberba distância de quem se preserva na sua consciência de classe. Estranheza e reprovação quanto à diversidade humana do império,

¹⁸ Depeyrot, G. 1993: p. 349, refere o DRS acerca da praga de ratos, embora coloque a hipótese de se tratar de uma metáfora para assaltantes. Pensamos que Rutilio fala mesmo de ratos, pois não encontramos no poema uso de metáforas que não sejam desdobradas pelos referentes concretos. Além disso, o cenário natural é plausível: campos agrícolas abandonados, desregulação de colheitas, inundações podem provocar migração maciça de roedores.

¹⁹ I, v. 414 *cernimus exemplis oppida posse mori*.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 155-172.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13924

associados à altivez aristocrática, produzem um retrato da fragmentação da paisagem social do império, em que a falta de coesão é notória.

Exuperâncio, pai do seu companheiro de viagem e familiar Palládio, vindo da Gália para Roma para estudar leis (I, vv. 208- 216), instalou-se na sua Armórica natal, onde “ensina a amar a paz após a recuperação das fronteiras, restitui as leis, devolve a liberdade, e não permite que os servos façam os seus senhores de escravos”²⁰, numa expressão poética que identifica a desordem social conhecida como “Bagaudas”. Instabilidade interna, escassez de recursos e vazios de autoridade levam desertores, sobreviventes de exércitos derrotados, e servos resistentes à lei a tornar caótico o mundo rural romano, em especial o noroeste da Gália²¹.

Também Victorino, amigo conterrâneo e colega no ofício de servir Roma, recebeu-o na Toscana. Errante, foi forçado a estabelecer-se aqui, expulso da sua Toulouse, pelo saque godo sofrido em 413. Antes, *uicarius Britanniarum* (vice-prefeito de uma das províncias da diocese da Britânia) distinguiu-se pelo serviço a uma região periférica, que foi abandonada pelas legiões, mas que ele governou zelosamente como se estivesse no centro do império. Duplamente exilado portanto, este Gaulês, uma vez pelo abandono do *limes* britânico, outra vez pela tomada de Toulouse. Foi-lhe dado pelo imperador o título honorífico de *illustris comes* (v. 507-8), com vantagens que rejeitou pelo amor aos campos ²². É mais um membro das elites provinciais ao serviço de Roma que optou pela retirada. Neste caso, o próprio Rutílio, ao identificar-se com ele, antecipa a sua fruição futura do descanso na Gália.

Também Protádio, com quem se cruza na sua viagem, é um alter-ego do seu destino futuro. Aristocrata gaulês também antigo prefeito de Roma, tem por morada modestos campos na Úmbria, em vez de sua pátria (a Gália? Roma?). A sua conduta e alma de Cincinato permitem-lhe ter por grande o que é pequeno, e campos modestos são o destino de vencedores

²⁰ *Cuius Aremoricis pater Exuperantius oras/ nunc postliminium pacis amare docet;/leges restituit libertatemque reducit/et servos famulis non sinit esse suis.*

²¹ “colonatus perpetuus” (CTh. 14 18, 1, em 382). Uma medida para repovoar os campos torna mais rígida a fixação das populações rurais, mas é acompanhada de forte contestação pelos seus afetados.

²² Em 402 o contingente militar na Britânia é chamado para a Gália e depois para a Itália, a fim de combater as invasões maciças. (I 493- 505). Vv. 507-508 “*Illustris nuper sacrae comes additus aulae/contempsit summos ruris amore gradu.*”; Vv. 509-510 “*Hunc ego complexus uentorum aduersa fefelli/Dum uideor me patriae iam mihi parte frui*”

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 155-172.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13924

de reis. Ou seja, a retirada para lugares modestos, longe de Roma, no termo de valorosos serviços à pátria, devem render-lhe a memória e o reconhecimento de Roma²³.

Rútilio dá conta da fragmentação da comunidade, identificando grupos como ameaças. Os servos fugidos de que falamos a propósito de Exuperânncio, e mais dois exemplos: o encontro com o antipático estalajadeiro judeu, ponto de partida para uma feroz mas tipificada invectiva contra “esta raça”. Em Faléria, ele e os seus companheiros assistem à celebração do renascimento de Osíris, num festival popular alegre e colorido. Procuraram repouso e refeição numa *statio*, ao pé de um bosque, o que se revelou um mau negócio. O seu estalajadeiro, um Judeu “um animal irreconciliado com a comida dos homens”, que lhes serve frutos velhos e algas amassadas, reclamando pelo gasto de água. O A. enceta uma invectiva contra esta raça, repetindo os lugares comuns (mutilação dos genitais, a preguiça do sabbath). Saiu cara a Roma a conquista de Pompeu, esta nação, uma *pestis*, que, vencida, pesa terrivelmente aos vencedores, num óbvio intertexto com a máxima horaciana da *Graecia capta*²⁴.

Bem conhecido é também o excerto em que Amiano denuncia a “infestação” da ilha Caprária por monges, no que constitui um valioso documento acerca da divulgação do ascetismo no Ocidente e da adaptação espacial da realidade original do Egipto e dos desertos orientais, em que a *anachoresis* “retirada para o deserto” pode ser literal. Na Itália e no sul da Gália, lugares humanizados e sem desertos, estas primeiras fugas do mundo fazem-se para ilhas e rochedos mediterrânicos²⁵. Perto da costa de Cirno, traz ao poema um *damni monumenta recentis* “a lembrança de uma infelicidade recente (v. 517). Um aristocrata decidiu sepultar-se em vida num rochedo. No passado, dos nossos ilustres (v. 519) *noster enim nuper iuuenis maioribus amplis*), abdicou do estatuto, do casamento, da fortuna por uma retirada vergonhosa (v. 522) *turpem latebram*. Este romano foi seduzido por uma seita que o retira do mundo, e que, mais do que Circe, metamorfoseia corpos e almas²⁶. Caprária e este jovem anónimo são duas faces da mesma movimentação social que ocorre no Ocidente romano, particularmente após Teodósio, e

²³ Vv. 542-558.

²⁴ I, vv. 382-398 “*Victoresque suos natio uicta premit*”. Cf. Horácio, Epist. II, 1, 156-157.

²⁵ Vv. 439-452. A ilha Caprária está cheia destes homens “que fogem da luz”, homens amargos e anti-sociais, que lhe merecem toda a reprovação, tomador pela bÍlis negra.

²⁶ Vv. 517-526.

que é transversal. Entre as elites, alguns cristãos optam pelo ascetismo, quebrando laços matrimoniais e abdicando das propriedades. S. Jerónimo é instigador e testemunha deste fenómeno, assim como também dá conta da oposição interna e resistência, dentro dos cristãos moderados, ao radicalismo da opção monástica. Mas a sedução por modos mais fundamentalistas de viver o cristianismo não afeta só as elites, antes é um fenómeno popular.

Rutílio é um romano tradicional que, convivendo bem com os cultos orientais, como o de Ísis ou o de Pã, olha com reservas para os monoteísmos judeu e cristão. Se, no primeiro, a opção religiosa se identifica com a nação, no segundo tal não acontece. O motivo do seu silêncio em relação a esta viragem na espiritualidade do império e na opção do poder político decorre da discricção exigida a um alto funcionário. Não cristão, mas *Praefectus Vrbi* em 414, ao serviço de um imperador e de autoridades oficialmente cristãs, sujeito a leis que ilegalizaram as manifestações religiosas pagãs de carácter público, cabe-lhe apenas a irritação pelas suas manifestações que não escapam visualmente a um observador. Somos levados a concordar com Cameron, (2011: p. 207), quando considera que o anti-cristianismo de Rutílio é um assunto marginal no seu poema. Estamos ainda num tempo em que, particularmente em Roma, o sentimento de classe supera o da pertença religiosa, e a classe senatorial mantém níveis de ambiguidade religiosa. Rutílio concorda com o sentimento partilhado por cristãos moderados do ocidente, e pelos próprios membros da igreja secular, que olham com desconfiança estes ascetas radicais e antissociais (O'Donnel, 1979: 84).

Esta antipatia por determinados tipos humanos atinge o seu cume na invectiva contra o pérfido Estilicão, o cumular da invetiva contra os bárbaros, particularmente os Godos, que dizimam o Ocidente romano (Soler, 2004: 239) figura controversa da história de quem os contemporâneos conservam testemunhos díspares. Tutor do jovem filho de Teodósio, Honório, filho de um príncipe vândalo e de mãe romana, intrépido militar que coordenou a defesa e a diplomacia nos instáveis tempos dos inícios do séc. V, acabou por ser acusado de traição e como tal executado. Para Rutílio, Estilicão foi a versão bárbara de Tarpeia, abrindo Itália ao saque bárbaro.

Tal como o louvor de Roma é nuclear no livro I, o livro II inicia-se com um elogio ao recorte geográfico da costa italiana, numa espécie de amplificação, suscitada por um momento em que a visão do poeta, ao abandonar o rumo norte sul, lhe permite contemplar uma larga extensão

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 155-172.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13924

do Golfo que se estende diante do mar da Ligúria. Terra providencial, fadada para a fortuna e para cumular o universo de bens, a Itália é a extensão natural da Roma eterna.

Por isso, maior gravidade impende sobre os feitos do sinistro Estilício. Ele entregou o coração do império, o Lácio, à barbárie goda. Roma era já cativa antes de ser conquistada, diz o poeta, aludindo à lenta asfixia da capital pela ocupação dos Bárbaros a norte da Itália, cortando as comunicações terrestres entre Roma e as suas províncias ocidentais. Além disso, mandou queimar os Livros Sibilinos, conservados no templo de Júpiter Capitolino. Rútílio é o único autor a acusar Estilício do feito, mas é provável que os livros sibilinos tivessem de facto sido destruídos durante o reinado de Honório, por iniciativa cristã. No Tártaro, diz Rútílio, ele merece maiores suplícios do que Nero, já que este matou uma mortal, a sua mãe. Estilício matou uma imortal, a mãe do mundo²⁷. Na sua invectiva contra Estilício, pesa também a hostilidade da aristocracia tradicional aos bárbaros, não só aos inimigos declarados, mas também aos que o tempo foi colocando na proximidade e ao serviço do império, como era o caso.

Conclusões

Rútílio Namaciano tem um lugar incontestável enquanto fonte para o conhecimento objetivo da Itália do séc. V após o Saque de 409 e a presença constante das movimentações bárbaras entre a Gália e Itália dos inícios do séc. V. Oferece-nos uma visão subjetiva, filtrada pelo seu foco interno, comprometido e não isento, acerca das transformações da paisagem física, construída e humanizada, e das transformações da paisagem social. Temos, neste domínio, dois tipos de informação:

Por um lado, o conhecimento de um tempo e um espaço proporcionado pela viagem marítima, da paisagem física, modificada pela erosão do tempo e dos acontecimentos. Mas também o conhecimento das transformações da paisagem social, pela referência a episódios de mudanças na vida de personalidades (mudanças de cargos, exílios

²⁷ II, 42-43 *Quo magis est facinus diri Stilichonis acerbum, / proditor arcani quod fuit imperii. (...) II, 59-60 hic immortalem, mortalem perculit ille, / hic mundi matrem perculit, ille suam.*

voluntários ou involuntários, opções privadas de vida); pela referência a minorias, grupos sectarizados na sua condição étnica ou religiosa.

Por outro lado, o impacto interior destas transformações em Rútílio, não só enquanto indivíduo, mas enquanto membro de uma categoria social. Como reagiram, como sentiram os romanos os acontecimentos que transformavam o seu mundo? Conseguiram ter uma visão sistémica, conectaram os sinais, ou responderam casuisticamente aos indícios variados da transformação da ordem?

São perguntas demasiado amplas para o tema que nos assiste, embora as palavras e as reflexões de Rútílio Namaciano nos permitam tecer algumas considerações: enquanto membro da aristocracia romana tradicional, interpreta os sinais de transformação do seu entorno com a consciência de que estes representam uma crise para a Roma eterna. Rútílio contempla uma civilização contínua com doze séculos de História, comenta o que vê usando o seu arquivo cultural literário, histórico, mitológico, e a sua identidade de classe. Os referentes históricos e literários que usa para avaliar os acontecimentos do presente, a visão fragmentada por um olhar pontilhado em episódios (*o trepidus rubor*), o seu viés de classe tornavam-no, provavelmente, opaco para a conceção de um prognóstico que contemplasse um fim absoluto para um modo de vida. Por isso, manifesta uma fé inabalável no renascimento de Roma. Por isso, desfocar o olhar e tentar a fuga podem ser atitudes que explicam o desconcerto com que conclui episódios dramáticos com observações jocosas e superficiais, os recursos à erudição, e mesmo a sensação de justaposição de episódios com escassa coesão entre si.

Por duas vezes, contudo, a reflexão do poeta equaciona conscientemente a mortalidade das civilizações: quando contempla as ruínas de Populónia (I, v. 414) e compreende que os exemplos lhe mostram que as cidades também morrem; quando, na invectiva contra Estilício, o compara a Nero, agravando as responsabilidades do General Vândalo, porque este Bárbaro matara a mãe do mundo.

Mas quer-nos parecer que Rútílio enfrenta, em primeiro lugar, os receios da sua própria mortalidade e do esquecimento. Diante da turbulência do seu mundo, exprime em sub-texto o medo que o tempo e a memória dos homens não lhe façam a justiça: Exuperânccio, Victorino e Protádio, também aristocratas gauleses e servidores de Roma, anteciparam o destino que ele está, conscientemente, empurrado a seguir. Ao incluí-los com tanto detalhe no seu poema, reconhece-lhes as virtudes e o mérito

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 155-172.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13924

por uma vida passada ao serviço da causa pública. Mas não menos elogia o seu retiro de um agora que ele atravessa, na sua viagem.

Se a consciência da gravidade dos tempos se sobrepusesse ao tom elogioso dos seus pares e da sua terra, Roma e suas regiões, Rútílio não conseguiria justificar o seu regresso e retiro, nem conceber para si uma existência para além de Roma. Assim, um wishfull thinking protege-o do dilema moral. Como os seus pares se retiraram de Roma e dos seus *negotia*, preservando a honra e o mérito, também ele espera prosseguir, na Gália, a vida que Roma lhe ensinara. Por isso, deixar os sinais sem retirar assumidamente a lição destes é, para Rútílio Namaciano, uma estratégia de sobrevivência.

Referências bibliográficas

CAMERON, A. "The roman friends of Ammianus", *Journal of Roman Studies*, 54, 1977, pp. 15-28.

CAMERON, A. *The Last Pagans of Rome*, Oxford University Press, 2011, cap. 6, 10; 11.

CARCOPINO, J. "La date et le sens du voyage de Rutilius Namatianus", *Anabases* 16, 2012, pp. 241-263.

CIRINO, I. *L'Idea di Roma Negli Scrittori Latini e Particolarmente in Rutilio Namaziano*, Napoli Lligi Loffredo, 1934.

CLARKE, J. The Struggle for Control of the Landscape in Book 1 of Rutilius Namatianus, *Arethusa*, 47, 1, 2014, pp. 89-107.

CODOÑER, C. *Historia de la Literatura Latina*, Cátedra, Madrid, 1997.

DEPEYROT, G. "Les conditions naturelles au Bas-Empire romain" *Revue Historique*, 290, 2 (588), 1993, pp. 337-378.

FERRARI M., "Spigolature bobbiesi. I. In margine ai "Codici Latini Antiquiores" II Frammenti ignoti di Rutilio Namaziano. III Due Versi editi-inediti di un perduto "Romuleon" di Draconzio (tav. I-IV) *Italia Medioevale e Umanistica*, XVI, 1973, pp. 1-41.

FO, Alexandre. "Ritorno a Claudio Rutilio Namaziano" *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici*, 22, 1989, pp. 49-74.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 155-172.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13924

LAUGESEN, A. "Deux récits de voyage du début du Ve siècle", *Classica et Mediaevalia*, 22, 1961, pp. 54-68 .

Lo Spazio Letterario di Roma Antiga. I: I Testi. 1 La Poesia, vol. VI Salerno Editrice, Roma, 2009, pp. 584-593.

NORWOOD, G. "Rutilius Claudius Namatianus", *Phoenix*, 1, 1947, pp. 36-41.

O'DONNELL, J. "The Demise of Paganism", *Traditio*, 35, 1979, pp. 45-88.

PARRONI, P. (coord) "Il Viaggio e La Memoria: Il de Reditu Suo di Rutilio Namaziano" in: *Lo Spazio Letterario di Roma antica*", vol. VI (I Testi. 1 - Poesia), a cura di A. Fusi, A. Luceri, P. Parroni, G. Piras, Roma, Salerno Editrice, 2009, pp. 584-93.

PASCHOUD, F. "Une relecture poétique de Rutilius Namatianus" *Museum Helveticum*, 1978, 35, 4, 1978, pp. 319-328.

PRYOR, J. H.,. "The Voyage of Rutilius Namatianus: From Rome to Gaul in 417 C.E.," *Mediterranean Historical Review* 4.2., 1989, pp. 71-80.

ROBERTS, M. "Rome Personified, Rome Epitomized: Representations of Rome in the Poetry of the EarlyFifth Century", *The American Journal of Philology*, 122, 4, 2001, pp. 533-565.

RUGGINI, L. C. "Rome in Late Antiquity: Clientship, Urban Topography, and Prosopography", *Classical Philology*, 98, 4, 2003, pp. 366-382.

SOLER J., "Le sauvage dans le *De Reditu* de Rutilius Namatianus : un non-lieu", In: *Les espaces du sauvage dans le monde antique : approches et définitions*, Besançon, Institut des Sciences et Techniques de l'Antiquité, 2004. pp. 223-234.

VESSEREAU J., PRÉCHAC F. (), *Rutilius Namatianus, Sur son Retour*, Paris, Les Belles Lettres, 1933.

WOLFF, E., LANCEI, S. *Rutilius Namatianus Sur son retour*. Nouvelle édition, Introduction Soler, J., Paris, Les Belles Lettres 2007.